

## CONSIDERAÇÕES PSICANALÍTICAS SOBRE O FETICHISMO DE GÊNERO EM TRAVESTIS

*Francisco Lamartine Guedes Pinheiro\**  
*Leônia Cavalcante Teixeira\*\**

### RESUMO:

O presente artigo pretende discutir a questão do travestismo com a perversão e o fetichismo. O objetivo geral é investigar o fato de o travesti estabelecer fetichismos de gênero. Estes fetichismos são reeditados na adolescência e vida adulta, sintetizado no fetiche de gênero: pênis, vestido e renome, que gera um ritual, nomeado “se montar”. A partir das referências teóricas de Freud e Lacan, bem como nas considerações teórico-clínicas de Aran, Ceccarelli, Dör, Pacheco e Pommier, hipotetizamos que um travesti esteja envolvido no fetiche de gênero determinado por uma organização perversa.

**PALAVRAS-CHAVE:** Psicanálise. Perversão. Travestismo. Fetichismo. Gênero.

\*Psicanalista, Professor da Universidade Estadual do Piauí, Coordenador do Corpo Freudiano do Piauí, Especialista, Mestre e Doutor pela UNIFOR. Endereço: Miguel Arco Verde, n. 555, B. dos Noivos, Teresina-PI. Tel.: 86. 88031154 / E-mail: lamartinethepiaui2@hotmail.com

\*\*Psicanalista, Professora Titular do Programa de Pós-Graduação em Psicologia da Universidade de Fortaleza (UNIFOR), Doutora em Saúde Coletiva com Pós-doutorado em Psicologia, Mestre em Educação (UFC), Membro do GT “Dispositivos clínicos em Saúde Mental” da ANPEPP e Pesquisadora CNPq. Endereço: Rua Henriqueta Galeno, 1080-2301. Dionísio Torres. Fortaleza.Ceará. Brasil. 60135-420. Tel.: 005585999282929 / E-mail: leonia.ct@gmail.com

## **Introdução**

Este artigo pretende discutir a questão do travestismo com a perversão e o fetichismo. O ponto central do desdobramento deste artigo, baseado em Freud e Lacan é tentar verificar a sobreposição, em travestis, da perversão e do fetiche. As realidades dos travestis parecem indicar que estes estão envolvidos no fetiche de gênero (falo/pênis, nome/renome e vestido/tra(vestido) e que o fetiche de gênero engloba atos e traços que de uma organização perversa. Consideramos travestis em suas singularidades, de acordo com o que nos ensina a clínica psicanalítica, desde Freud, não podendo haver uma identidade travesti, tampouco um ser travesti, porém hipotetizamos, baseados nas leituras de Aran, Ceccarelli, Dor, Pacheco e Pommier e, das fundamentais perspectivas de Freud e Lacan sobre a perversão e o fetichismo, que o travestismo consiste em um fetiche de gênero sustentado por uma organização perversa.

Para a psicanálise, um travesti é um homem que, entre outras coisas, se traveste, ou seja, passa 24 horas do dia com o disfarce e sob o traje do sexo feminino, desafiando a lei (SAFOUAN, 1979). O que caracteriza um travesti é o seu modo de funcionamento, sustentado por processos identificatórios que nomearemos de travestismo. O travestismo é o instrumento que possibilita ao travesti a ação de provar (por meio do objeto fetiche: gênero) que a mulher de falo que o fizeram recalcar existe: “paródia da feminilidade” (DOR, 1995, p.36). Esta fantasia aliada à ação é o que parece instituir o travestismo enquanto um mecanismo de defesa que o caracteriza e, possivelmente, o coloca dentro do campo da perversão.

Para entender esse homem que se traveste hoje e sua possível estruturação na perversão, via fetiche, é preciso passar pelo que Freud construiu sobre esses dois temas. No que tange à sexualidade, esta tem ligações diretas com o modo pelo qual esses sujeitos lidaram com a castração, denegando-a e utilizando um objeto fetiche para “negar” que a mãe, posteriormente as mulheres, não tem o “falo” (pênis), ou seja, que não há a falta. Diferente dos neuróticos, essa sexualidade perversa conhece, além do recalque, também o desmentido (*Verleugnung*). Isto fará com que esse sujeito tenha dificuldade com a lei, limites, pois não aceita a realidade castradora, o fato do ser humano ser incompleto, utilizando sempre artifícios para burlar a castração (FREUD, 1927). Ter dificuldades não significa dizer que eles não adquiriram um mínimo de castração e de lei, qualidades psíquicas que estes buscam através do artifício do fetichismo. Segundo Freud, (1927) eles têm em comum uma escolha objetual dominada

## CONSIDERAÇÕES PSICANALÍTICAS SOBRE O FETICHISMO DE GÊNERO EM TRAVESTIS

pelo fetichismo: o travesti seria o fetichismo de gênero e o homossexual masculino teria uma fixação narcísica em outro homem.

Este artigo busca mostrar, à luz dos teóricos da psicanálise, principalmente Freud (1927) e Lacan (1995), a correlação entre o posicionamento identificatório do travesti com os significantes fálicos: pênis, roupa e nome. O travestismo é o instrumento de fabricação e promoção do modo de funcionamento da subjetividade travesti e engloba o desfile desses significantes fetiches (pênis, roupa e nome), atribuições fálicas que em sincretismo geram o fetichismo de gênero (negação/aceitação da castração) — tão próprios da condição travesti, que me vi na obrigação de destacá-los. Assim, mostramos aqui, algumas considerações a respeito de como esses homens, via fetichismo, vivem essa sexualidade.

### **Cobrir-se com uma mão e se mostrar com a outra: sobre o falo**

Segundo Dor (1991), a prática do travestismo está associada a três vertentes principais de modos de organização de desejos: o exibicionismo (desejo de causar com sua aparência constrangimento/transgressão); a homossexualidade (acrescido de um desejo de prostituição) e a heterossexualidade (desejo de atuar masculinamente pegando “força” no objeto fetiche de gênero: indumentárias femininas). O gozo do travesti é orientado para esses três tipos de ações onde está sempre presente a relação entre a castração (com a presença do fetichismo) e o falo.

Desta forma, os impasses da simbolização do sexo e suas identificações, com base nas quais os travestis reivindicam uma posição sexual (ser homem e mulher), se organizam, como em qualquer pessoa, em torno do falo ou no significante da falta, que resulta na partilha do sexo e no nascimento do tipo de desejo sexual. No travesti, estes impasses ganham contornos diferentes, uma vez que:

[...] Do ponto de vista do inconsciente não há diferenciação entre os sexos, esta se dará dentro da relação da criança com o Outro, e os significantes do falo... a mulher com falo concretiza o poder materno sem a falta... A criança, ao ter esta percepção, irá fazer identificações (FRIEDRICH, 1996, p. 62).

Pacheco (1987, p. 12) nos diz que o ato do travestismo leva à construção do travesti e que este, ao se travestir, repete uma cena de “[...] Não aceitação da castração, onde desde criança, frente a uma mãe fálica castradora, impossibilitadora de uma

identificação fálica paterna, finge não possuir pênis e finge não ser homem”, exercendo disfarçadamente sua masculinidade na vida adulta. Assim, nesta fase, os travestis, à semelhança de suas identificações/posições infantis, parecem “[...] acreditar na mulher fálica, tanto a sentida como poderosa na infância (a mãe), atacando a sua masculinidade, como a que ele mesmo representa com seu pênis ereto debaixo das roupas femininas” (PACHECO, 1987, p.12). Através do fetiche do pênis atribuído à mãe e da roupa (ambos compondo o fetiche de gênero), o travesti desenvolve, como defesa ao horror da castração, uma aparente submissão ao feminino, disfarçando a sua masculinidade, o que desarmaria seus rivais (edípicos), compondo o quadro da fantasia da mulher com falo descrito pela maioria dos psicanalistas (PACHECO, 1987).

O travesti é um sujeito que quer ser livre do estereótipo masculino ou feminino, e esta liberdade, herdada do artifício de driblar a castração na infância, é caracterizada por ele ao utilizar o comportamento sexual adequado à situação solicitada.

Assim, segundo Cecarelli (1997), a identidade é o resultado da síntese inconsciente do eu até a mesma tornar-se consciente, materializando-se num sentimento de pertencer a um grupo masculino ou feminino. No caso do travesti, essa identidade e este sentimento parecem ser da ordem do masculino e feminino — e teve suas origens quando, aos poucos, a criança foi informada pelos pais dos seus desejos:

[...] assim, quando falamos de identidade sexual, só podemos falar do sentimento, o de pertencer ao gênero masculino ou ao gênero feminino e jamais da certeza... nos dois casos estamos lidando com representação percebida pelo eu cujos conteúdos não podem ser objetivamente verificáveis por serem subordinados ao universo fantasmático. Enfim, tratar da questão identitária é tratar... o inconsciente parental, ou seja, o lugar que o sujeito ocupa na economia libidinal do grupo familiar [...] o momento fundador da constituição do sujeito... a identificação primária trará com ela, potencialmente, os elementos que permitirão à criança se posicionar do lado do homem ou do lado da mulher (CECCARELLI, 1997, p. 01).

O travesti e seu reconhecimento como travesti tem relação ao reconhecimento narcísico de uma mãe que “*sempre quis ser homem*” (mãe com dificuldades de aceitação da sua identidade feminina) e que entra em disputa perversa fálica com o pai do mesmo, o que traz para este um conflito de identidade que acaba sendo resolvido através de um ato perverso ou histérico de identificação dupla masculino/feminina. O travesti parece se cobrir com uma mão e se despir com a outra, ou seja, para não desagradar/desautorizar sua mãe fálica, cria um envelopamento feminino para seu corpo (via fetiche de gênero), fazendo a mãe crer que ele é uma mulher fálica idêntica a ela e

## CONSIDERAÇÕES PSICANALÍTICAS SOBRE O FETICHISMO DE GÊNERO EM TRAVESTIS

que o falo pertence à mãe. Ao mesmo tempo, identifica-se com o pai nas atitudes e posicionamentos. Segundo Ceccarelli (1997), os artificios de sobrevivência psíquica infantil consistem em:

[...] duas modalidades identificatórias cuja distinção fará que surjam duas modalidades que se superpõem... que se referem à masculinidade e à feminilidade, resultados dos investimentos num corpo suporte de fantasmas marcando assim suas funções e seus desejos. A construção desse sentimento, bastante complexo e sutil, é dependente da situação edipiana cuja dinâmica só se completará na adolescência (CECCARELLI, 1997, p.03).

Dessa forma, o travesti vai “construindo” sua imagem inconsciente de corpo por processos identificatórios aos pedaços, que só têm uma *Gestalt* fechada quando há o retorno e a reelaboração das suas questões na adolescência e quando há passagem ao ato do travestismo e assunção da sua identidade travesti por 24 horas.

Esse processo de assunção de uma identidade é complexo e envolto de preconceito. O discurso médico, higienista ou o hetero-cultural, ambos transfóbicos, não aceita esta identidade travesti, que é sempre vista como a patologia exacerbada da homossexualidade, ou como homem em passagem transgênero, ou seja, em fase de mudança de sexo (FRIEDRICH, 1996). Segundo Friedrich, os travestis são, deste modo, vistos como doentes e marginais (loucos). Esta transfobia estaria na base das dificuldades acerca de que os travestis parecem ter de assumir uma identidade, criando em si um não senso de quem realmente são e uma desorientação/despersonalização subjetiva que dificulta a assunção destes acerca de sua verdadeira identidade (PACHECO, 1996).

Com relação a este fato, torna-se válido apresentar a polêmica entre o discurso da medicina (muitas vezes alienador) e as denúncias feitas por Lacan (1966) em sua obra *Psicanálise e Medicina*. Segundo Lacan, entre psicanálise e medicina há uma fronteira. Da mesma maneira que a formação dos sintomas é extraterritorial ao eu (FREUD, 1925), as questões da psicanálise acontecem à revelia da prática médica e dos seus discursos. A questão é que muito do que se passa, ao nível do corpo, não pertence à ordem da medicina, mas a uma outra ordem: a do inconsciente (FREUD, 1925).

Assim, segundo Lacan (1966, p. 28), "existe algo que se chama demanda" e esta pode caracterizar-se por um homem que vai à busca de benefícios como o aplacamento da angústia de viver e não só da angústia causada pela dor corpórea. É no registro da

resposta à demanda do travesti, por exemplo, onde está à possibilidade da supervivência médica e psicanalítica, que “[...] responder que o travesti vem nos pedir cura, não é responder” (LACAN, 1966, p.28).

Percebemos, neste artigo, que o discurso dos travestis, devido à dificuldade de aceitação autoimposta, em alguns momentos, se transferem para a boca do Outro: instituições médicas, Ongs, família, estado etc. Kubler-Ross (2002) afirma que, diante de situações de aniquilamento como esta, tende-se a barganhar com o Outro e dar ao Outro o que ele precisa. No caso do travesti, este teria que se considerar ou doente ou transicionista (em transição para a transexualidade). Este fato faz com que o travesti, como mecanismo de defesa frente a este Outro, o qual está sempre agindo para desestruturar o seu sentido de eu, se isole e desenvolva o comportamento de guetos, onde busca, entre os pares, a confirmação da sua identidade não encontrada em sociedade ou, ao contrário, aceite seus ditames e incorra no erro de fazer a cirurgia de ablação do pênis.

Reconhecemos um discurso de conscientização desta realidade. A maioria dos travestis consegue, não com facilidade, elaborar esse discurso alienador e manter seu órgão sexual intacto. Aqui defendo a tese de uma subjetividade de resistência, uma vez que parecem dizer que, no caso deles, não se barganha a identidade com o grande Outro, pois isto seria o fim destes enquanto sujeitos e porque também denotariam uma submissão destes à ordem ditatorial hétero estabelecida, que fosse de encontro à sua estrutura onde ele é quem tem que dar a “carta final”. Parece, então, que a sociedade e o travestismo são lados de uma mesma moeda: o preconceito incentiva o travestismo, reforçando-o no lugar de eliminá-lo (o travesti se posiciona no social pelo negativo, em um vínculo abjeto).

Um cine curta-metragem patrocinado pela Petrobras, *Os sapatos de Aristeu* (LUIS RENÉ GUERRA, 2008), nos mostra isto. Em resumo, o Aristeu é um travesti que morre e vai ser enterrado em sua cidade. Ao chegar a sua cidade natal, a família resolve enterrá-lo como homem. Seus amigos travestis contestam — e a polêmica se arma. No fim, resolvem encerrar a celeuma enterrando Aristeu de homem com sapatos de mulher. Neste final, a tensão/posição inconsciente do outro (eu travesti) e do grande Outro (cultura) — eu ideal versus ideal de eu — simbolicamente ficou representada: o travesti nasce, cresce e morre homem e mulher.

Interessante é que este curta nos faz verificar a importância da roupa para dar continuidade, preservação e garantia à identidade do travesti. Ela nos faz ver que “[...]

## CONSIDERAÇÕES PSICANALÍTICAS SOBRE O FETICHISMO DE GÊNERO EM TRAVESTIS

No seu dia-a-dia, um travesti continua a ser um travesti a todo momento e em qualquer situação; não existe uma troca de papéis sexo-social e/ou de suas vestimentas. Frente a toda e qualquer situação, o travesti também não tira férias de sê-lo” (FRIEDRICH, 1996).

### **A roupa como objeto fetiche de gênero**

A roupa, considerada também como um dos objetos fetiche de gênero, pode ser tomada como um objeto transicional e se define por uma posse de algo que pertence ao mundo externo e interno — no caso travesti, implica nos acessórios e truques para fazer florescer uma mulher, tais como silicone, bunda de esponja, penteados de perucas, perfumes femininos, vestidos etc.

A criança, depois de uma fase em que teve a ilusão de ser onipotente, de ser uma só com a mãe, enfrenta a desilusão da separação a partir de atividades bucais com objetos, acompanhadas por diversos sons, balbucios, ruídos, a fala da mãe etc. Quando o bebê leva à boca, junto com os dedos, algum objeto externo, inicia-se aqui o fenômeno transicional de criar os objetos de suas necessidades.

Desde os primeiros meses do bebê, surgem essas atividades, que foram chamadas de “fenômenos transicionais” por Winnicott (1975). O objeto transicional ocupa um lugar e uma função na vida psíquica da criança e é carregado de significações que substituem e podem fazer a criança reapresentar a insuportável ausência da própria mãe.

O objeto passa a representar a transição da criança do estado de união para o estado em que se relaciona com ela como uma coisa externa e separada, marcando a passagem do controle onipotente da mãe sobre a criança para o exercício na fantasia, do eu próprio infantil e o autocontrole e manipulação de si mesma. O objeto de transição é marca de autonomia, é suporte psíquico que em breve é deixado para trás — só que no travesti há uma fixação nesse objeto (fetichismo), que faz com que ele reapareça como suporte psíquico para ele ainda na vida adulta.

A partir dessa perspectiva desenvolvimentista, observamos o estabelecimento progressivo de uma interdependência entre indivíduo travesti, seu travestismo e seu ambiente. No caso dos travestis, este estudo foi canalizado para a vida na fase anterior ao Édipo, chegando à conclusão, baseado em autores da psicanálise como Freud (1905),

Lacan (1958) e Winnicott (1975), que “eles”, os travestis, passaram dos conteúdos e conflitos intrapsíquicos para interp-síquicos. Essa passagem se faz via distorções psíquicas provocadas por um ambiente patológico, levando, assim, a considerar que em sua primeira infância haviam se deparado com um ambiente que dificultara a adaptação de suas necessidades. Concordo com Winnicott quando este diz que o ambiente exerce uma influência indispensável para a construção da personalidade da criança e posteriormente do sujeito adulto (travesti).

O fetichismo de gênero (pênis, roupa e nome) desempenha um papel no aparecimento e na evolução dos fenômenos transicionais travesti — e seu ressurgimento é sinal de que a mãe da primeira fase não foi suficientemente boa para que os travestis desistissem desse processo de defesa estrutural e estruturante da sua subjetividade. Para o travesti, o modo como se veste é a expressão de seu ser (identifica e dá identidade ao mesmo). O ato do travestismo implica na busca pelo Outro quanto ao reconhecimento e aceitação da sua identidade sexual diferente.

O fetiche de gênero, exposto no ato do travestismo, tem relação entre a identidade e a possibilidade de se expressar de modo singular. A roupa é como um objeto transicional de negociação e facilitação das relações do travesti com o meio. Observamos, na literatura sobre travestis, a necessidade de um reconhecimento do Outro: um homem vestido de mulher e a aceitação desta diferença.

### **Nome e renomeação como recurso perverso**

Freud (1914, p. 96) em *Totem e Tabu* mostra que: “[...] Mesmo o adulto civilizado pode perceber, em várias peculiaridades da sua conduta, que não está tão longe como pensa, de levar a sério e ao pé da letra os nomes próprios, assim como também creem que seu nome se acha peculiarmente ligado à sua pessoa.”

Freud destaca a importância do nome próprio na formação do inconsciente: um significante que influencia na identidade e faz deslizar sentidos que repercutem no comportamento dos sujeitos.

Pommier (1992) fala da assunção do nome (Nome-do-Pai) como momento de busca de força e de nomeação tanto para o homem quanto para a mulher. Estas peculiaridades nominativas são atributos que geram o aparecimento do psiquismo masculino e feminino com suas peculiaridades, o que estendemos, agora, à discussão sobre travestis.

## CONSIDERAÇÕES PSICANALÍTICAS SOBRE O FETICHISMO DE GÊNERO EM TRAVESTIS

O homem, em síntese, no Édipo, ao internalizar simbolicamente o Nome-do-Pai, tem este nome como símbolo de força (valor de lei, de força e de honra). A mulher internaliza-o como símbolo de troca. Estes movimentos psíquicos, em travestis, também têm desdobramento em fatos concretos. Percebe-se, por exemplo, que as mulheres fazem um mexido patronímico (com o Nome-do-Pai) com a função de se ajustar mais adequadamente ao casamento e ao seu novo estilo de vida e de afiliação, trocando o sobrenome do pai pelo do companheiro, em grande parte do mundo ocidental. Percebe-se, pela literatura e pela clínica, que travestis, peculiarmente, tem o nome radicalmente trocado, servindo esse de batismo identitário.

O que pudemos inferir, com este estudo bibliográfico, é que travestis mantem significantes de nome masculino ou patronímico, significantes que atraem ou remetem, em sua apresentação, a uma força fática que eles temem perder. Quando não, o nome é totalmente diferente, mas remete a uma significação que tem relação com suas histórias de vida. Assim, pensamos ser o nome um signo de destino que as subjetividades buscam preservar, além de pontuar o respeito à nomeação/filiação e a uma identidade conformada/moldada pelo grande Outro.

Já os travestis fazem um possível recurso perverso de trocas de nomes típico, ato característico da perversão de fazer a lei e reconhecê-la ao mesmo tempo. Assim, é possível observar na fala dos travestis o momento em que ritualisticamente (sempre em um grupo) excluem o patronímico do seu nome (o nome do pai e da sua origem) e adotam o nome que o grupo/pessoa a que estão vinculados designa. O curioso é que o novo nome, além de emprestar força ao mesmo, está associado à história de vida do travesti e, na maioria das vezes, mantém algo da inscrição paterna, traços que demonstram o reconhecimento do recalque (POMMIER, 1992).

A força que o nome empresta é fática, é força fetiche, uma vez que é preciso para o mesmo batizar a mulher com falo que este passa a encarnar. O travestismo, que tem seu auge na montagem travesti, gera um sujeito na posição feminina sem nome? Esta situação é resolvida com o nascimento e batismo da mulher com falo, etapa final do seu envelopamento com a mãe e ponto de começo da sua história de passagens recíprocas de uma posição sexual — hora masculina para a feminina e hora feminina para masculina?

## **Fetichismo de Gênero: Freud a partir de Lacan**

Lacan (1995), orientado em Freud (1927), fala sobre travesti e fetichismo no livro *A relação de objeto*, no capítulo intitulado *A identificação do falo*. Para Lacan, o falo é aquilo que diz respeito à maneira como o sujeito vai buscar o objeto substituto para a sua falta (como suplência à realidade da castração). Segundo Lacan, o perverso coloca um objeto fetiche no lugar do falo (no caso do travesti, este pôs, quando passou pela sua castração, os objetos pênis e roupa no lugar do falo); o neurótico, por sua vez, tem no falo a fantasia (de completude, que o mesmo coloca em suplência da falta).

Primeiro, Lacan recoloca as questões básicas de Freud sobre o fetichismo: objeto colocado no lugar da falta, artifício de suporte ao lugar de castração. Em seguida, Lacan produz a metáfora da cortina e da janela. Para ele, a janela da fantasia é criada pelo véu, objeto fetiche, que tampona a falta e faz o falo imaginário ganhar contorno e existência. “É sobre o véu que o fetiche vem figurar precisamente o que falta para além do objeto” (LACAN, 1995, p. 168). A partir daqui, é possível supor que a roupa para o travesti estaria como uma cortina para a janela, mero artifício para encobrir e velar uma realidade já sabida pelo travesti: existe a falta e a castração, além de fundar um falo imaginário — a fantasia de que a mulher com falo existe ganha vida e renasce com esse artifício de véu.

Em todo uso da roupa, existe algo que participa da função do travestismo... As roupas não são feitas apenas para esconder o que se tem, no sentido de ter ou não, mas também, precisamente o que não se tem. Ambas as funções são essenciais. Não se trata de esconder o objeto, mas de esconder a falta de objeto. Esta é uma simples aplicação, no caso da dialética imaginária, daquilo, daquilo que é esquecido com demasiada frequência, a saber, a presença e a função da falta de objeto (LACAN, 1995, p.169).

Na fantasia perversa masculina há um caráter simbólico: o véu, como símbolo, presentificando algo para além do objeto. Isso quer dizer que o objeto fetiche, transgressão de gênero, no caso de travestis (roupas femininas, o se montar de mulher), é um símbolo, um véu para presentificar uma fantasia de que a mulher com falo existe, fantasia que está no perverso, janela da fantasia que o fará suportar a castração.

Só que esse símbolo, que vela a falta — uma falta que denuncia o horror da castração —, é o artifício buscado pelo fetichista para vencer esse horror. O símbolo, a presentificação simbólica, é que mantém a fantasia de que o objeto não é faltoso e de que a castração e a mulher sem falo não existem. O símbolo escreve o que está lá, um

## CONSIDERAÇÕES PSICANALÍTICAS SOBRE O FETICHISMO DE GÊNERO EM TRAVESTIS

falo imaginário dando a constituição estrutural humana via perversão. Aqui Lacan (1995) vai dizer que mostrar é diferente de dar a ver. “No travestismo, o sujeito se identifica com aquilo que está por trás do véu, com aquele objeto a que falta alguma coisa... o travesti se identifica com a mãe fálica, na medida que esta, por outro lado, vele a falta de falo” (LACAN, 1995, p. 168). O que o tra(vestido) mostra é uma mulher exuberante, que faz nos outros confusão de gênero. Na verdade o que ele dar a ver por traz dessa mulher é seus artificios perversos, sua montagem de um personagem, sua cortina que monta debaixo do véu/vestido uma mulher com falo que personifica, a todo instante, não uma linda mulher e sim uma mulher criada no imaginário dele e da mãe.

Só existe uma suposição e uma crença: o que travestis mostram é uma coisa, o que eles dão a ver (sem querer, querendo) parece ser outra.

Não é verdade que, sempre e em toda a ocasião, o sujeito simplesmente se mostre, na medida em que mostrar-se é o polo correlativo à atividade de ver... Seria aqui dar-se a ver..., podemos dizer que em todo um tipo de atividades confundidas sob o rótulo da relação voyeurismo-exibicionismo, o que o sujeito dá a ver, mostrando-se, é outra coisa daquilo que ele mostra (LACAN, 1995, p. 170).

O que travestis mostram é o fato de que a realidade psíquica ser marcada pela fantasia e transgressão, que a mulher com falo existe, em uma ação simbólica iniciada através de sua castração, seu complexo de Édipo, seus objetos identificatórios e a escolha de objeto fetiche na perversão. Por isso o travesti quer ser o “craque da fantasia” — o se montar (transgressão de gênero) para fazer com que ele e os outros acreditem que a mulher com falo existe. Dessa forma, o olhar do outro é fundamental para que sua crença, sua construção simbólica, construção de objeto, venha por fim tornar-se real. O outro confirma a fantasia do mesmo (acreditando nele), daí o grande trunfo do travesti ser o investimento na sedução/exibicionismo — a fabricação erótica de corpo através dos objetos femininos, em busca da beleza.

Lacan (1995) usa a metáfora da cortina para explicar o movimento inconsciente do travesti. Na encenação, a troca velada do objeto se dá via cortina, o que está por trás da cortina é uma suposição, que na fantasia do outro vira realidade — daí porque a encenação do travesti é essencial para o seu ser, sua vida, e domina a cena da sua sexualidade.

O que ele quer é fazer, através do simbólico, com que o outro acredite no objeto da sua falta, que é a mulher com falo (sua fantasia imaginária). É como se ele dissesse:

se o outro acredita em mim e na minha encenação fantasiosa, na janela que digo existir (a mulher com falo), então sou capaz de também passar a viver e acreditar nessa fantasia. O outro e o seu olhar é peça de jogo, fundante de um engodo que leva ao gozo e ao estabelecimento da subjetividade do travesti.

O gozo do travesti parece acompanhar as montagens identitárias, especialmente pela encenação de uma personagem. Via simbólico, ele nega e afirma a castração, sua mente se divide, vive duas instâncias: uma que acredita e outra que não acredita na mulher com falo. O simbólico não está foracluído no travesti fetichista, ele usa o recurso da encenação, suposição, fetichista para incluí-lo: Lacan (1995) afirma que o sujeito utiliza o recurso da perversão para não vir a enlouquecer.

A roupa faz parte da encenação e do duplo: dupla convivência, evidenciando o aspecto “sou e não sou castrado”, artifício dissecado por Freud (1919) no texto *O estranho*. Neste, Freud coloca que este artifício diz respeito a uma situação de defesa: a cisão do eu em dois, que ocorre quando o eu está muito oprimido, tornando-se, então, o mecanismo de defesa do travesti.

Lacan (1995) pontua que um travesti está implicado na equação (para a mãe e para ele): bebê, falo, fezes e pênis. Que ele, bebê, é o falo de uma mãe insaciável; no momento em que o bebê devia passar do ser para o ter o falo, a mãe não o deixou realizar esta operação, o que implica em uma questão da identidade e uma escolha narcísica precoce, que o levou à perversão.

Segundo Lacan (1995), para sempre o travesti irá em busca de seu gozo, a fim de provar que a mulher com falo existe, visando com isso fugir do horror à castração, transgredindo, o que vai fazer com que ele tenha grandes dificuldades quanto à sexualidade genital, gozando assim com o entorno e com as questões regressivas, pulsões parciais e não objetais, tais como: oral, anal, visual, olfativa, sádicas e masoquistas. Desta forma, no travesti estará presente, via de regra, a frustração do amor e a satisfação das necessidades pulsionais arcaicas que vêm em troca do amor maduro, inspirado na fase fálica, que tem dificuldade de ascender.

As satisfações de necessidades outras, não amorosas, implicam como consequência a erotização constante de necessidades infantis, principalmente a perversa polimorfa de fazer e ser a lei. Isto pode explicar o gosto [ou a inclinação] de alguns travestis por coisas que estão à margem do social, como, por exemplo, a prostituição ou o gosto pela violência, aspectos tão presentes no cotidiano do travesti.

## CONSIDERAÇÕES PSICANALÍTICAS SOBRE O FETICHISMO DE GÊNERO EM TRAVESTIS

“O que é que ele, travesti, tem que eu não tenho?” — esta é pergunta que os amantes do travesti devem fazer a ele. Assim, a sedução do travesti é originária de uma demanda de amor, de uma falta que o mesmo (re)implanta, de um “não sei o quê” que ele encarna e possui. O travesti faz as pessoas se atraírem por um segredo, a que eles se dirigem, um mistério que fascina e que o mantém também dirigido, fascinado com o gozo de ser e estar travesti. Talvez seja o mistério, o fato de travestis personificarem o desejo esquecido de que toda criança teve um dia: a completude fálica com a mãe (LACAN, 1995).

O falo é um objeto simbólico de presença e de ausência, jogo a que todos os seres humanos estarão para sempre submetidos. Como bem disse Lacan (1995), ninguém tem o falo, ele circula entre a gente. Daí o fascínio do travesti: encarnar e colocar rapidamente o jogo simbólico de presença e ausência que (re)presentifica o ato fálico.

### Considerações Finais

Lacan (1956-1957/1995) coloca que atribuir o falo a mãe é um movimento próprio do travesti fetichista, este falo é o substituto do pênis da mãe e funciona, via desmentido (*Verleugnung*), como se a criança parasse o tempo no momento em que, na concepção dela, existiu um pênis por baixo da roupa da mãe, como é o caso do pequeno Hans (FREUD, 1909/1980). De acordo com os autores citados neste texto, o travesti, enquanto criança estabelece alguns fetichismos que renascem na adolescência, sintetizados no fetiche de gênero: pênis, vestido e renome. A roupa entra como objeto, véu capaz de velar pelo que não tem, ou seja, capaz de fazer a cortina da fantasia, como escreve Lacan (1958/1998; 1956-1957/1995) e fazer as pessoas acreditarem que a fantasia travesti da mulher com falo existe. O nome entra como força patronímica, que possibilita o chamado e a passagem do travesti na posição masculina para o travesti na posição feminina. Dessa forma, o perverso, em seu jogo de duplo: eu e ela, encena sempre o outro (o duplo) para garantir o seu gozo e a vitória à castração e cria o travesti.

É interessante lembrar o fato de que um travesti é marcado por ser performático, determinado ou fabricado por disfarces, chamado por eles de performances e que, neste artigo, fica explicitado como travestismo.

**Referências:**

ARAN, M. (2009). A psicanálise e o dispositivo da diferença sexual. *Rev. Estudos Feministas*. 17(3). Disponível em: <[http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0104-026X2009000300002&script=sci\\_arttext](http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0104-026X2009000300002&script=sci_arttext)>. Acesso em: dia 25 de setembro 2011.

AURÉLIO, H. *Dicionário da língua portuguesa*. São Paulo: J.E.M.M. Editores, 1988.

CECCARELLI, P. R. Mal-estar na identificação. *Boletim de Novidades da Livraria Pulsional*, São Paulo, jan. 1997. p. 37-46.

DESPRATS-PÉQUIGNOT, C. *A psicopatologia da vida sexual*. Rio de Janeiro: Ed. Papyrus, 1992.

DOR, J. *Estruturas e perversões*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1991.

\_\_\_\_\_. *Clínica psicanalítica*. Rio de Janeiro: Zahar, 1995.

FREUD, S. (1914). *Totem e tabu*. vol. 14. São Paulo: Cia das Letras, 1980.

FREUD, S. (1905). *Os três ensaios sobre a teoria da sexualidade*. Rio de Janeiro: Imago, 1980. (*Edição standard brasileira das obras completas de Sigmund Freud*, 07).

\_\_\_\_\_. (1909). Análise de uma fobia de um menino de cinco anos. Rio de Janeiro: Imago, 1980. (ESB, 17).

\_\_\_\_\_. (1919). *O estranho*. Rio de Janeiro: Imago, 1980. (ESB, 17).

\_\_\_\_\_. (1925). *Inibições, sintomas e angústias*. Rio de Janeiro: Imago, 1980. (ESB, 21).

\_\_\_\_\_. (1927). *O feticchismo*. Rio de Janeiro: Imago, 1980. (ESB, 21).

FRIEDRICH, M. F. Contribuições a formação de uma identidade travestida [Edição especial]. *Revista Brasileira de Sexualidade Humana*. 7(1): 43-57, mar, 1996.

## CONSIDERAÇÕES PSICANALÍTICAS SOBRE O FETICHISMO DE GÊNERO EM TRAVESTIS

FOUCAULT, M. (2006). *O poder psiquiátrico*. Martins Ed. SP. (Trabalho original publicado em 1973-74).

KUBLER-ROSS, E. (2002). *Sobre a morte e o morrer*. São Paulo: Martins Fontes, 2002.

LACAN, J. (1958). A significação do falo. In: *Escritos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998.

LACAN, J. (1998). *Psicanálise e medicina*. Martins editora, SP, 1966.

LACAN, J. (1956-57). *A relação de objeto (Seminário livro 4)*. Rio de Janeiro: Zahar, 1995.

MANUAL DIAGNÓSTICO E ESTATÍSTICO DE TRANSTORNOS MENTAIS – DSM-V. Porto Alegre: Artes Médicas, 2004.

MICHAELIS, W. *Michaelis - Moderno dicionário da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Ed. Melhoramentos, 2010.

OS SAPATOS DE ARISTEU. Direção: Luiz René Guerra. São Paulo, 2008. Disponível em: <<http://www.revistamoviola.com/2008/11/25/os-sapatos-de-aristeu/>>. Acesso em: dia 20 de julho 2012.

PACHECO, A. C. *Perversões sexuais – Um estudo psicanalítico*. São Paulo: E.P.U., 1987.

PASSARELLI, C. A. *Há uma santa com seu nome?* [Edição especial]. *Revista Brasileira de Sexualidade Humana*, 7(1): 43-57, mar, 1996.

POMMIER, G. *A ordem sexual*. Rio de Janeiro: J.Z.E., 1992.

***Francisco Lamartine Guedes Pinheiro e Leônia Cavalcante Teixeira***

SAFATLE, V. *Fetichismo: Colonizar o outro*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2010.

SAFOUAN, M. *Contribuições à psicanálise do transexualismo*. In *Estudos sobre o Édipo: Introdução a uma teoria do sujeito*. Rio de Janeiro: Zahar, 1997.

WINNICOTT, D. W. *O brincar e a realidade*. Rio de Janeiro: Ed. Imago, 1995.

## **CONSIDERAÇÕES PSICANALÍTICAS SOBRE O FETICHISMO DE GÊNERO EM TRAVESTIS**

### **PSYCHOANALYTICS CONSIDERATION ABOUT FETISHISM OF GENDER IN CROSSDRESSERS**

#### **ABSTRACT:**

The present article aims to discuss the question of the crossdressing with perversion and fetishism. Main goal is to investigate fact that the crossdresser establishes some fetishisms of gender. These fetishisms are reviewed in the adolescence and adult life, synthesized in fetishism of gender: penis, dress and new name, which creates a ritual called "build yourself". From Freud's and Lacan's theoretical references, as well as Aran, Ceccarelli, Dör, Pacheco and Pommier's ones, we hypothesize crossdresser is enveloped in fetishism of gender that is determined by a perverse organization.

**KEYWORDS:** Psychoanalysis. Perversion. Crossdressing. Fetishism. Gender.

### **CONSIDÉRATIONS PSYCHANALYTIQUES SUR LE FÉTICHISME DE GENRE PAR RAPPORT AUX TRAVESTIS**

#### **RÉSUMÉ:**

Le présent article traite de la question du travestisme avec la perversion et le fétichisme. Son objectif général est d'investiguer le fait que le travesti établit quelques fétichismes de genre. Ces fétichismes sont réédités dans l'adolescence et dans la vie adulte, en synthétisant dans le fétichisme de genre: pénis, robe et renom, ce que génère un rituel qu'ils appellent couramment "se monter". A partir de références théoriques de Freud, Lacan, Aran, Ceccarelli, Dör, Pacheco et Pommier, nous émettons l'hypothèse selon laquelle le travesti est enveloppé dans le fétichisme de genre déterminé par une organisation perverse.

**MOTS-CLÉS:** Psychanalyse. Perversion. Travestisme. Fétichisme. Genre.

Recebido em: 11-03-2015

Aprovado em: 28-05-2015

©2015 Psicanálise & Barroco em revista

[www.psicanaliseebarroco.pro.br](http://www.psicanaliseebarroco.pro.br)

Núcleo de Estudos e Pesquisa em Subjetividade e Cultura – UFJF/CNPq

Programa de Pós-Graduação em Memória Social – UNIRIO.

Memória, Subjetividade e Criação.

[www.memoriasocial.pro.br/proposta-area.php](http://www.memoriasocial.pro.br/proposta-area.php)

[revista@psicanaliseebarroco.pro.br](mailto:revista@psicanaliseebarroco.pro.br) [www.psicanaliseebarroco.pro.br/revista](http://www.psicanaliseebarroco.pro.br/revista)